

O CASAMENTO NA PERSPECTIVA REFORMADA- FUNDAMENTOS BÍBLICO- TEOLÓGICOS E IMPLICAÇÕES PASTORAIS

*Natã Ventura Dutra*¹

RESUMO

Esta obra analisa o casamento segundo a tradição reformada, abordando seus fundamentos teológico-bíblicos e implicações pastorais. Partindo do diagnóstico da crise conjugal no Brasil contemporâneo, o estudo propõe: (1) investigar o status do matrimônio como instituição divina à luz da Teologia Reformada, enfatizando a teologia da Aliança, a economia Trinitária e da Confissão de Fé de Westminster; (2) aplicar o paradigma do “Drama das Escrituras” para revelar o papel simbólico do casamento desde o Éden até a escatologia cristã; e (3) desenvolver uma teologia prática de aconselhamento conjugal, baseada na ação transformadora do Espírito Santo e em diretrizes bíblicas de perdão, serviço mútuo e disciplina amorosa. A pesquisa, de natureza qualitativa, apoiou-se em revisão bibliográfica extensa e em levantamento de fatores de fragilização conjugal, resultando em orientações pastorais para

¹ Atualmente cursando o Bacharel em Teologia no Seminário Presbiteriano do Sul, da Igreja Presbiteriana do Brasil, é candidato ao sagrado ministério do Presbitério Juizforano (PRJF – Juiz de Fora, MG). Servindo como seminarista na Igreja Presbiteriana de Barão Geraldo (Campinas-SP). Cirurgião dentista atuando na área desde 2012, Especialista em Ortodontia (Pós- Graduação lato sensu) pela ICS- Funorte, Ipatinga-MG (2012-15) e Bacharel em Odontologia pela UNIFENAS, Alfenas-MG (2007-11)

prevenção de divórcios e promoção de lares saudáveis. Conclui-se que o casamento reformado é mais que contrato social: é aliança pactual que reflete a união entre Cristo e sua Igreja, requerendo ensino doutrinário e cuidado ministerial contínuo.

Palavras-chave: casamento cristão; teologia reformada; aliança; aconselhamento pastoral.

INTRODUÇÃO

De acordo com o IBGE, em 2022 o Brasil registrou 420 mil divórcios para 970 mil casamentos, ou seja, um divórcio a cada 2,3 uniões. Metade desses divórcios ocorreu antes dos dez anos de casamento, revelando a crescente fragilidade das relações conjugais (G1, 2024). Entre evangélicos, esperava-se uma taxa menor, em razão do suporte comunitário e do ensino sobre o compromisso vitalício; contudo, pesquisas nos EUA mostram índices semelhantes aos demais grupos (BARNA GROUP, 2021). Esse cenário destaca a relevância de resgatar os fundamentos bíblicos do casamento, oferecendo uma compreensão teológica que auxilie os casais a enfrentar os desafios contemporâneos com fidelidade a Deus e sensibilidade pastoral.

Segundo a Escritura, o casamento é uma **instituição divina**, criada para apoio mútuo, multiplicação da espécie e pureza sexual (Gn 2; DIXHOORN, 2017, p.332), e aponta para a união entre Cristo

e a Igreja, na qual o povo de Deus é a noiva chamada a viver sob o amor de seu Salvador (FRAME, 2019, p.171).

Historicamente, católicos e protestantes viam o casamento como vínculo vitalício entre homem e mulher. Porém, com o Iluminismo, a instituição foi redefinida em termos de liberdade individual e realização pessoal, passando de sacramento ou bem comunitário a simples contrato privado (KELLER & KELLER, 2012, pp.29-30). Com esse pano de fundo, este estudo busca expor os aspectos teológicos do casamento na tradição reformada, aplicando-os pastoralmente à realidade dos casais atuais.

1- FUNDAMENTOS BÍBLICO- TEOLÓGICOS

1.1. O casamento e a Teologia da Aliança

Nas Escrituras, a aliança é um “pacto de sangue soberanamente administrado” por Deus, estabelecendo uma relação de vida e morte com os homens. Embora aplicada em diferentes contextos — Noé, Abraão, Israel, Davi e a nova aliança em Cristo —, mantém uma unidade essencial que molda toda a história bíblica (ROBERTSON, 2011, pp. 13-14). Para a teologia reformada, a aliança é uma ação da graça divina. O primeiro pacto, de obras, foi quebrado pela desobediência de Adão, trazendo pecado e morte à humanidade (Rm 5.12). A esperança, então, tornou-se o “pacto da graça”, no qual Deus oferece salvação gratuita em Cristo, mediante

a fé, e promete o Espírito Santo aos destinados à vida eterna (CFW 7.3; cf. Rm 8.3-4; GONZÁLEZ, 2009, p.21).

Nesse contexto, o casamento é compreendido como reflexo da Aliança divina. Van Groninger (2009, pp. 27-29) o define como “vínculo de amor real [...] caracterizado pelo relacionamento indestrutível entre duas partes”, ideia reforçada pela metáfora bíblica do matrimônio: Javé como marido de Israel (Ez 16.8-16; Jr 3.14; 31.32) e Cristo como noivo de sua igreja (Ap 21.2-3; 22.17). Assim, o casamento humano, firmado em amor e fidelidade, torna-se expressão visível do vínculo entre Deus e seu povo, transmitindo de geração em geração a identidade de povo da Aliança. Assim, a metáfora conjugal ilumina a seriedade do casamento humano, que deve ser entendido como reflexo da relação de Deus com seu povo.

1.2. Homem e mulher, criados à imagem de Deus, mas com papéis distintos

Entre os evangélicos, existem duas principais perspectivas a respeito das diferenças entre homens e mulheres, conhecidas como igualitarismo e diferencialismo (ou complementarismo) . Os igualitaristas defendem que Deus criou homens e mulheres iguais em essência e função, considerando que a subordinação feminina surgiu como consequência do pecado e da queda. Eles acreditam que, com a redenção em Cristo, essa desigualdade foi abolida, de modo que mulheres e homens possuem os mesmos direitos no contexto da

Igreja, incluindo a possibilidade de exercer cargos de liderança e oficialato (LOPES, 1997, p.1).

Os reformados discordam deste aspecto, entendendo que Deus, desde a criação e portanto antes da queda, atribuiu funções específicas para homens e mulheres, complementando-se mutuamente em suas características (LOPES, 1997, p1). Essas duas abordagens geraram debates no contexto evangélico brasileiro, porém, na grande maioria das vezes, os argumentos igualitaristas se dão por aspectos culturais e sociais contemporâneos e pouco embasamento bíblico. Na perspectiva do casamento, entender essas diferenças é essencial para que cada um dos cônjuges possa compreender melhor seu papel.

Apesar dessa igualdade em essência e valor, homens e mulheres exercem papéis diferentes, tanto no corpo de Cristo quanto no casamento. Defensores do igualitarismo argumentam que antes da queda, os dois gêneros tinham papéis iguais e somente após a queda essa igualdade se perdeu, e como uma consequência, a mulher passou a ser subordinada, usado como base o texto de Gn 3.16 “O teu desejo será para o teu marido, e ele te governará (ou dominará NVI)”. Sendo assim, seguindo o raciocínio, em Cristo essas diferenças de papéis desapareceriam (RIBEIRO, 2021, pp.6-7). No entanto, examinando o relato da criação, percebemos várias indicações de diferenças de papéis entre o primeiro casal, antes mesmo do pecado entrar no mundo:

A narrativa bíblica da criação (Gn 2:7, 18-23) apresenta Adão como o primeiro ser humano criado, sugerindo um papel de liderança inicial na família. Não vemos este padrão quando os animais são criados (macho e fêmea simultaneamente), indicando assim um propósito especial. A carta de Paulo a Timóteo (1 Tim 2:13) reforça essa interpretação, utilizando a ordem da criação como fundamento para delimitar certos papéis de liderança na igreja (GRUDEM, 1999, p. 379).

O termo “auxiliadora”: segundo Waltke e Fredericks (2010, p. 104), em Gn 2.18, o termo hebraico *'ēzer* (“auxiliadora”) designa a mulher como parceira indispensável do homem, com quem partilha tanto a vocação quanto as responsabilidades dadas por Deus já indicando uma prioridade governamental, porém ambos os sexos sendo mutuamente dependentes, não implicando superioridade ou inferioridade ontológica, pois ambos são igualmente portadores da imagem divina (cf. 1Tm 2.13). A mesma palavra (*'ēzer*) aparece outras 16 vezes no Antigo Testamento em referência ao próprio Deus, ressaltando seu sentido de contribuição essencial e não de inadequação. Já o termo hebraico *negdô* , traduzido como “igual e adequado”, reforça a igualdade de valor e dignidade entre homem e mulher diante de Deus, ainda que a primazia de liderança dentro do casamento seja masculina.

Ao mostrar Deus falando primeiramente com Adão tanto antes (Gn 2:15-17) quanto depois da queda (Gn 3:9), ressalta seu papel de liderança e responsabilidade familiar. Embora Eva tenha

sido a primeira a transgredir (Gn 3:6), é a Adão que Deus dirige a pergunta “Onde estás?”, indicando que ele seria o responsabilizado pelo ocorrido. A despeito de Eva haver pecado primeiro, a Bíblia afirma que “em Adão todos morrem” (1Co 15:22) e que por causa da transgressão de um só homem todos se tornaram pecadores (Rm 5:15) (GRUDEM, 1999, p.381).

O Novo Testamento reafirma os papéis: a redenção em Cristo tem como objetivo restaurar a ordem original planejada por Deus para homens e mulheres. Assim, em passagens como Colossenses 3:18-19 , Efésios 5:22-33 , Tito 2:5 e 1 Pedro 3:1-7 , percebe-se o estímulo para que as esposas não se rebelem contra a liderança dos maridos e para que estes não usem sua autoridade de modo abusivo (GRUDEM, 1999, p.382).

Tal compreensão convida homens e mulheres para se alegrarem na forma como foram criados e nas funções particulares que lhes cabem. A própria essência do Deus todo poderoso funciona dessa maneira, na questão econômica da Trindade, onde há papéis distintos, mas sem posição de valor, da mesma forma homens e mulheres, igualmente portadores da imagem de Deus, podem viver suas diferenças com alegria, dignidade e respeito mútuo, sem que um se sobreponha ao outro (GRUDEM, 1999, p.382).

1.3. O que a Trindade nos ensina sobre ser iguais em essência e diferentes em papéis

A compreensão bíblica acerca de Trindade revela que, apesar do Pai, o Filho e o Espírito Santo serem plenamente iguais em pessoalidade, importância e divindade, há distinções nas funções que cada pessoa exerce (GRUDEM, 1999, pp.377-378). Seguindo uma lógica de que os seres humanos refletem o caráter de Deus, Paulo estabelece um paralelo ao declarar que “Cristo é a cabeça de todo homem, o homem é a cabeça da mulher, e Deus é a cabeça de Cristo” (1Co 11: 3). Assim como o Pai tem autoridade sobre o Filho — sem que isso implique qualquer inferioridade — no casamento o homem exerce liderança enquanto a mulher participa de modo igualmente importante, mas com uma função distinta. A analogia confirma que a diferença de papéis não anula a igualdade de personalidade e de valor, deixando claro que, tanto na Trindade quanto na esfera conjugal, diversidade funcional e igualdade essencial coexistem harmoniosamente (GRUDEM, 1999, p.378).

Assim, ser criado à imagem de Deus implica, entre outras coisas, ser criado para relacionamentos. A ideia de que o ser humano foi feito à imagem de Deus revela que, assim como Deus é relacional em Sua essência, os seres humanos também foram criados para viver em relacionamentos. O relacionamento com Deus e com os outros é parte essencial da experiência humana, conforme refletido na criação do homem (KELLER & KELLER, 2012, pp.133-135).

1.4. O casamento como analogia à união mística de Cristo e sua Igreja

Entre as analogias bíblicas do casamento, a mais profunda é a união mística entre Cristo e sua Igreja. Essa união, vital e espiritual, faz de Cristo a fonte de vida, poder e salvação dos crentes, descrita em imagens como a videira e os ramos, a cabeça e o corpo, e o esposo e a esposa (Jo 15:5; Ef 4:15-16). Trata-se de uma união orgânica, vivificada pelo Espírito Santo, que une cada crente de forma pessoal e direta a Cristo, produzindo transformação contínua e comunhão com Deus (BERKHOF, 2012, pp. 413-416).

Para compreender a força dessa metáfora, é útil recordar os costumes matrimoniais bíblicos. No Antigo e Novo Testamento, casamentos eram alianças familiares, reguladas por restrições de parentesco (Lv 18.1-18) e de fé (Gn 24.3-4; 2Co 6.14-18). O processo envolvia noivado formal — juridicamente vinculante —, confirmado apenas quando o noivo recebia a noiva em sua casa, consumando a união (Dt 20.7; Mt 1.18-19). Havia o pagamento do *mohar* (dote) ao pai da noiva e a entrega de presentes (*mattan*) como garantia de sustento (Gn 34.12; Ex 22.16) (DANIEL-HOPS, 2008, pp. 136-141; BEAUMONT, 2012, pp. 86-87). O rito incluía procissão festiva, votos de bênção (Gn 24.60; Rt 4.11) e celebrações prolongadas, simbolizando a aliança plena entre noivo e noiva (Ct 3.6,11).

À luz desses costumes, a metáfora da Igreja como noiva de Cristo (2Co 11.2; Ef 5.25-32; Ap 19.7-9) ganha maior profundidade. Cristo pagou o preço de resgate de sua noiva com seu próprio sangue, estabelecendo um compromisso já firmado, mas ainda aguardando consumação plena nas bodas do Cordeiro (Ap 21.2,9). Assim como a noiva se prepara para o casamento, a Igreja é chamada à santificação, aguardando o encontro final com o Senhor. O casamento terreno, portanto, reflete essa união espiritual: Cristo ama, protege e santifica sua Igreja, em uma aliança eterna que transcende culturas e tempos (BEAUMONT, 2012, pp. 86-87).

1.5. Porque o casamento não pode ser considerado um sacramento

Embora o casamento seja rico em simbolismos bíblicos — refletindo a Aliança de Deus, a essência trinitária e a união entre Cristo e a Igreja —, não pode ser considerado sacramento, como defende a Igreja Católica Romana.

A Confissão de Fé de Westminster define os sacramentos como “santos sinais e selos do pacto da graça, instituídos por Deus para representar Cristo e seus benefícios, confirmado o nosso interesse nele” (CFW 27.1). Reconhece apenas dois sacramentos: o batismo e a Ceia do Senhor, pois foram ordenados por Cristo e praticados repetidamente pela Igreja primitiva (CFW 27.4; DIXHOORN, 2017, pp.369-370).

João Calvino (2007, pp. 871-874) critica a inclusão do matrimônio como sacramento pela Igreja Católica, apontando que tal ideia só surgiu a partir de Gregório Magno, no fim do século VI. Segundo ele, os antigos usaram o termo “sacramento” em sentido amplo, mas a Igreja medieval transformou práticas comuns em dogmas, multiplicando ritos para sustentar sua estrutura de poder. Martinho Lutero, antes de Calvino, também rejeitara a noção de sete sacramentos, afirmando que apenas batismo e Ceia possuem instituição divina e promessa de perdão vinculada a sinais visíveis (MONTEIRO, 2024, p.24).

A tradição reformada afirma que somente batismo e Ceia têm verdadeira natureza sacramental. O matrimônio, apesar de instituído por Deus desde a criação (Gn 2.24), não foi instituído por Cristo como sacramento. Além disso, seu propósito é natural — procriação, companheirismo e proteção contra a imoralidade (1Co 7.2) —, não um sinal visível da graça divina. Também carece de promessa espiritual específica vinculada à salvação. A comparação paulina entre casamento e a união de Cristo e a Igreja (Ef 5.32) é vista como analogia, não como base sacramental (CALVINO, 2007, pp. 843-874).

Diante de todas essas questões que desqualificam o casamento como sacramento, tornaram ele menor em seu propósito? certamente que não. A Bíblia nos mostra como o casamento é de

fundamental importância na história do povo de Deus, como veremos a seguir.

2 - O CASAMENTO APRESENTADO NA GRANDE HISTÓRIA DA REDENÇÃO:

Como afirma Christopher Wright: "A Bíblia toda nos oferece a história da missão de Deus por meio do povo de Deus no seu envolvimento com o mundo de Deus em favor de toda a criação de Deus" (2014, p.51) e, sendo assim, o casamento não fica fora desse projeto, muito pelo contrário, é uma esfera importantíssima no plano do Altíssimo.

Os papéis diferentes de homem e mulher, bem como o propósito de se unirem, remetem ao início da criação da própria humanidade. Precisamos entender o bem que Deus planejou originalmente e como ambos os gêneros corromperam esse bem, para posteriormente entender como Jesus redime o casamento (KELLER & KELLER, 2012, p.175).

A Bíblia começa com um casamento (de Adão e Eva) e termina, em Apocalipse, com um casamento (de Cristo e a igreja). O casamento é ideia de Deus. Sem dúvida é também uma instituição humana e reflete o caráter da cultura humana específica em que está inserido. Mas o conceito e as raízes do casamento humano encontram-se na ação de Deus, e, portanto, aquilo que a Bíblia diz a respeito do propósito de Deus para o casamento é de suma importância (KELLER & KELLER, 2012, p.16).

Para facilitar a organização deste capítulo e compreensão melhor de como o casamento é visto à luz da história da redenção, será utilizada a divisão de Bartholomew e Goheen, que trazem o “Drama das Escrituras” em seis atos: 1- Criação, 2- Queda, 3- Israel (Aliança), 4- Redenção, 5- Igreja (Missão) e 6- Consumação (2017, pp.31-33). Desta forma, será possível analisar à luz da teologia bíblica os conceitos previamente apresentados no capítulo 1.

2.1. Criados a Imagem de Deus

Enquanto o primeiro capítulo de Gênesis enfatiza que o ser humano foi criado à imagem de Deus e chamado a governar a terra, o segundo capítulo aprofunda os detalhes da criação. Herman Bavinck destaca três peculiaridades desse relato: a preparação do Éden como morada inicial do homem, o mandato probatório de cultivar e guardar o jardim, e o surgimento da mulher como resposta à solidão de Adão (BAVINCK, 2021, pp. 241-244).

Adão foi colocado no Éden com dupla missão: cultivar e proteger a criação, e obedecer à ordem divina de não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Assim, sua tarefa envolvia tanto a relação com a terra quanto a fidelidade ao céu (BAVINCK, 2021, pp. 242-243). Nesse contexto surge a necessidade da mulher: “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2.18). Criada a partir de Adão, mas igualmente portadora da imagem

divina, a mulher é apresentada como “auxiliadora correspondente”, não inferior, mas plenamente equivalente em humanidade e valor (Gn 2.23). O casamento, portanto, é instituído como a primeira comunidade humana, base da vida social (BAVINCK, 2021, p. 244).

Bavinck ressalta que Eva é “parecida e ainda assim diferente”, dependente e ao mesmo tempo livre, dada ao homem como presente divino. A solidão do ser humano não poderia ser suprida por nenhum outro ser criado, mas apenas por alguém de igual dignidade, capaz de compartilhar vocação e comunhão (BAVINCK, 2021, p. 244).

Timothy e Kathy Keller observam que, embora a modernidade sugira que as diferenças sexuais sejam meramente sociais, a Bíblia mostra que a sexualidade é central para a identidade humana. Homem e mulher foram criados iguais em valor, mas distintos em papéis complementares. Ambos receberam a ordem de exercer domínio sobre a terra, refletindo a criatividade de Deus no cultivo da cultura, na construção de comunidades e na geração de filhos (KELLER & KELLER, 2012, pp. 204-207). Assim, Gênesis 2 apresenta homem e mulher como iguais em valor, diferentes em funções, chamados a viver em harmonia. Essa complementaridade não diminui a dignidade de nenhum deles, mas revela a beleza da criação divina: igualdade e distinção convivendo em perfeita unidade.

2.2. A Queda e suas consequências para o casamento

No episódio da tentação no Jardim do Éden, a serpente, representando Satanás, iniciou um questionamento sobre o caráter de Deus, semeando dúvidas na mente de Eva acerca do que Deus havia instruído, sobre Sua bondade e Seus planos (Gn 3.1,4,5). Eva, ao ser levada por essas dúvidas, errou ao desobedecer a Deus. Então Adão, em vez de agir com autoridade, corrigindo o erro de Eva, simplesmente seguiu-a e cedeu à tentação (Gn 3.6). O resultado desse ato, que chamamos de Queda, é descrito em Gênesis 3.7-19, com consequências trágicas para a humanidade (MERKH & MERKH, 2013, pp. 49-53).

A comunhão com Deus, que antes era íntima e plena, foi interrompida (Gn 3.8,10). Em vez de se aproximarem de Deus, como antes, Adão e Eva esconderam-se d'Ele. O medo e a vergonha dominaram seus corações, e, ao perceberem sua nudez, não só ficaram envergonhados, mas temeram as consequências de seus pecados (Gn 3.10). Em resumo, o pecado não só separou o homem de Deus, como também feriu o propósito divino com o qual Ele havia criado o ser humano (MERKH & MERKH, 2013, pp. 49-53).

A relação de complementaridade entre Adão e Eva, projetada para ser uma união perfeita e de auxílio mútuo, foi rompida. Em vez de um relacionamento harmonioso, onde um ajudaria o outro de maneira equilibrada, passou a existir competição, conflito e culpa.

Essa divisão é visível nas acusações mútuas: Adão culpou Eva, e até Deus, por ter dado a mulher a ele, e Eva não assumiu a responsabilidade, mas também tentou justificar seu erro. Nenhum dos dois pediu perdão ou assumiu sua culpa (MERKH & MERKH, 2013, pp. 49-53).

Além disso, o pecado afetou a dinâmica do relacionamento conjugal. O texto de Gênesis 3.16b fala do desejo da mulher pelo marido, e que ele a dominará. Isso, ao contrário de ser interpretado apenas como um desejo sexual, também sugere uma tentativa da mulher de controlar ou superar o marido. Essa mesma palavra “desejo” aparece em Gn 4.7 se referindo ao “desejo” do pecado de dominar Caim [...] *“o pecado jaz à porta, e o desejo dele será contra ti, mas cumpre a ti dominá-lo.”* Isso sugere que, debaixo da maldição do pecado, a mulher desenvolve uma vontade de dominar e subjuguar o marido. O "domínio" do marido, por sua vez, representa mais do que simples liderança, mas um controle que, muitas vezes, se transforma em opressão ou autoritarismo (WENHAM, 1987, pp. 81-82). A harmonia e a complementaridade planejadas por Deus se transformaram em um campo de disputa, competição e culpa.

Essa decadência afetou todos os aspectos do mundo, especialmente as relações familiares, como se observa na desobediência dos filhos aos pais, nos conflitos familiares, separações, abusos e outras manifestações do pecado. A destruição dos valores familiares reflete os frutos podres que nasceram da raiz

do pecado. Além disso, o mandato cultural dado a Adão de "cultivar e guardar" o jardim foi corrompido. O trabalho, que antes era um serviço espiritual debaixo da bênção de Deus, passou a ser marcado pela fadiga, sofrimento e suor, e a morte, que Deus havia mencionado como consequência do pecado, agora se tornava uma realidade inevitável. O homem retornaria ao pó, como estava escrito (Gn 3.19) (MERKH & MERKH, 2013, pp. 49-53).

Portanto, os problemas econômicos, os conflitos financeiros, as disputas entre homens e mulheres e, principalmente, a morte, são evidências do impacto do pecado em todos os aspectos da vida humana, afetando profundamente a dinâmica dos lares até os dias de hoje (MERKH & MERKH, 2013, pp. 49-53).

2.3. O casamento na história do povo da aliança

Mesmo após a Queda, a humanidade permanece feita à imagem de Deus (Gn 5.1; 9.6). Adão e Eva seguem unidos e geram filhos, refletindo ainda o propósito original de Deus. Contudo, o pecado logo se manifesta nas relações, como mostra o assassinato de Abel por Caim (Gn 4), revelando que a rebelião contra Deus trouxe rupturas também às relações humanas (BARTHOLOMEW & GOHEEN, 2017, p.55).

Vemos, a partir daí, uma série de maldições resultantes da desobediência da humanidade, relatada nos primeiros capítulos de

Gênesis (3-11). No capítulo 12, Deus inicia o plano de separar para si um povo sob uma aliança, estabelecida com Abrão. (BARTHOLOMEW & GOHEEN, 2017, pp. 63-65). O interessante dessa aliança para este trabalho é que a promessa de descendência para Abrão passa pelo fato de sua esposa, Sarai, ser estéril. O patriarca busca por alternativas humanas para resolver essa questão, tendo filho com a escrava de Sarai (Gn 16), porém a promessa seria vinculada ao fruto do seu casamento, neste caso ao casal, Abrão receberia a descendência por sua união com Sara (PINTO, 2014, pp.41-43). A história de Abraão começa com o fato de Sara ser estéril. Daí sairá a descendência. A história de Abraão só aponta para as promessas do Senhor por causa de Sara, é nela que Deus opera sua obra. E só conhecemos Sara por causa de Abraão, a quem a promessa foi feita (MEISTER, 2018).

A partir de Abraão e Sara, e seus descendentes Isaque e Jacó, Deus forma Seu povo, Israel, com um propósito e uma missão. “A ideia era que a nação de Israel fosse um povo em exibição encarnando em sua vida comunitária a intenção original de Deus com a criação e seu propósito escatológico para a humanidade” (GOHEEN, 2014, p.43). Partindo deste princípio, o casamento do povo de Israel deveria refletir o que Deus havia estabelecido no Éden, deveriam viver diferente dos outros povos.

Princípios foram estabelecidos desde a criação quanto ao casamento, que deveria ser monogâmico, heterossexual,

profundamente íntimo e indissolúvel (LOPES, 2005, pp.25-35). Ainda assim, vemos que a prática da poligamia era socialmente aceita, apesar de ser condenada pelas Escrituras (Dt 28.54,56; Sl 128.3; Pv 5.15-21; Ml 2.24), gerando consequências na família da Aliança: Esaú tomou duas esposas que amarguraram a vida de seus pais (Gn 26.34-35); a poligamia causa rivalidade entre Lia e Raquel (Gn 29.30); em Gn 30.1-2, vemos que a poligamia levou à inveja e ira, com Raquel se ressentindo de Lia por não conseguir ter filhos, o que resultou em desavenças e brigas entre eles e se alastrando por seus filhos, como pode ser visto nas consequências do favoritismo de Jacó por José, que faz com que seus irmãos executem sua vingança contra o filho de Raquel (Gn 37) (LOPES, 2005, p. 30).

Deus deu a Moisés a Sua Lei, para que o povo pudesse conhecer a vontade do Senhor e andar em seus caminhos. Nos aspectos que tangem o casamento, Deus ordenou um princípio no decálogo, “não adulterarás” (Ex 20. 14). O livro de Levítico apresenta a extensão dessa ordem nos capítulos 18 e 20, trazendo proibições quanto ao incesto, fornicação, adultério, homossexualidade e bestialidade (MORALES, 2022, p.202).

Durante a trajetória do povo de Deus no Antigo Testamento, vemos em muitas passagens a aliança do casamento como símbolo da aliança entre Deus e Seu povo. Como afirma Malaquias 2.14, a esposa é chamada de "companheira e mulher da tua aliança matrimonial", e Provérbios 2.17 descreve a esposa infiel que

"abandona o companheiro da sua mocidade e se esquece da aliança que fez com seu Deus". Essas passagens revelam que a aliança conjugal é mais do que um acordo entre os cônjuges, ela é uma aliança também com Deus, feita diante Dele. Portanto, ser infiel ao cônjuge é também ser infiel a Deus, já que o casamento é uma união sagrada, refletindo a relação entre Deus e Seu povo (KELLER & KELLER, 2012, pp.100-101).

Dessa forma, o casamento é visto não apenas como um compromisso entre marido e mulher, mas como um pacto diante de Deus, no qual a fidelidade ao parceiro é, igualmente, uma expressão de fidelidade a Deus. Essa compreensão amplia o valor do casamento, mostrando que a união conjugal é uma aliança que transcende os interesses humanos, sendo profundamente espiritual e sagrada (KELLER & KELLER, 2012, pp.100-101).

Os livros de sabedoria apresentam também instruções sobre como o povo de Deus deve viver seu relacionamento conjugal. O livro de Provérbios levanta um contraste entre a mulher estrangeira e a mulher adúltera, e os perigos de se envolver com estas, e a mulher virtuosa do capítulo 31 (DILLARD & LONGMAN III, 2006, pp.226-236). O livro de Cântico dos Cânticos, com seus poemas que celebram o amor conjugal, apresentam uma "correção canônica à perversão da sexualidade", descrevendo a restauração do amor humano aos propósitos originais (DILLARD & LONGMAN III, 2006, p.254).

Em Jeremias 3.8, Deus expressa sua tristeza e ira diante da infidelidade espiritual de Israel, que, ao adorar outros deuses, se entregava a um novo parceiro pactual, o que é comparado simbolicamente a um adultério. Esse comportamento de Israel, que se afastava de seu compromisso com Deus, é descrito como uma traição. Deus, em Sua justiça, "manda embora" e "dá a carta de divórcio" a Israel devido a essa infidelidade (KELLER & KELLER, 2012, p. 109). Esse padrão de infidelidade é igualmente ilustrado no livro de Oseias, onde o profeta é instruído por Deus a se casar com uma prostituta, simbolizando a relação de Israel com Deus. Apesar das transgressões, Deus promete curar a infidelidade de Israel e renová-la, com a promessa de um futuro de restauração e abundância (Os 14.4-7). A fidelidade de Deus à Sua noiva, Israel, é incondicional, e Ele a acolherá de volta com amor e misericórdia (HORTON, 2016, pp.761-763).

2.4. A Redenção do casamento em Cristo

Na pessoa e obra de Jesus Cristo, vemos o começo da restauração da unidade e do amor originais entre os sexos. Jesus exalta a igualdade das mulheres, destacando que tanto elas quanto os homens são portadores da imagem de Deus e participantes do mandado da Criação. Ao longo dos Evangelhos, vemos que todas as interações de Jesus com mulheres são positivas e transformadoras. Jesus não apenas reconhece, mas valoriza a participação das

mulheres, elevando sua condição numa cultura em que muitas vezes eram vistas como cidadãs de segunda classe (KELLER & KELLER, 2012, pp.208-209).

A igreja primitiva, especialmente no evento de Pentecostes, também adota uma atitude radical em relação às mulheres, ao reconhecer que o Espírito Santo desceu sobre mulheres da mesma forma que sobre os homens. Essa igualdade no Espírito reflete a visão radical de Jesus sobre o valor das mulheres. No entanto, Paulo, em 1 Coríntios 11, lembra as mulheres de que, embora estivessem envolvidas em ministérios semelhantes aos dos homens, elas deveriam destacar sua identidade feminina e não tentar adotar uma abordagem unissex, negando o papel distinto que Deus lhes deu. A igreja primitiva, portanto, não apenas reconheceu o valor das mulheres, mas também enfatizou que seu papel único e complementar dentro da comunidade cristã deveria ser preservado e celebrado (KELLER & KELLER, 2012, pp.208-209).

Em Apocalipse 21.2, a Nova Jerusalém é descrita como uma noiva adornada para o seu esposo, simbolizando a união perfeita e eterna entre Cristo e a Igreja. Em Efésios 5.25-27, Paulo exorta os maridos a amarem suas esposas como Cristo amou a Igreja, sacrificando-Se por ela para santificá-la e apresentá-la a si mesmo, sem mácula ou defeito. O casamento entre Cristo e a Igreja é, assim, um "mistério" (v. 31-32), que aponta para a união perfeita e eterna que aguarda a Igreja no futuro (HORTON, 2016, pp.761-763).

A chave para entender o casamento, segundo Paulo, está em compreender a relação entre o casamento e a obra redentora de Cristo. Ele revela esse "segredo" em Efésios 5, ao afirmar que o amor no casamento deve refletir o amor sacrificial de Jesus pela igreja. Paulo explica que, quando Deus instituiu o casamento, Ele já estava pensando em Cristo e na igreja. O marido deve amar sua esposa da mesma maneira que Cristo amou a igreja, ou seja, entregando-se por ela. O sacrifício de Cristo, que abriu mão de sua glória e se fez servo para nos unir a Ele, serve como modelo para o comportamento dos maridos no casamento (Filipenses 2:5-11, Romanos 6:5, 2 Pedro 1:4, Efésios 5:25-28) (KELLER & KELLER, 2012, pp.57-59).

2.5. A missão da igreja e o papel do casamento nessa missão

O apóstolo Paulo conecta a instituição do casamento em Gênesis 2 com a união de Cristo e sua Igreja (Ef 5.22-33), mostrando que o matrimônio encontra seu verdadeiro significado no evangelho. O amor sacrificial de Cristo, que se entregou pela Igreja, é a base para o viver conjugal: o casamento e o evangelho se interpretam mutuamente, refletindo a relação de amor e serviço de Cristo para com seu povo (KELLER & KELLER, 2012, pp.57-59).

Paulo orienta que esposas sejam submissas e maridos amem suas esposas como Cristo amou a Igreja (Ef 5.22-25). Essas exortações não são idênticas, mas complementares: cada cônjuge deve viver em sacrifício e entrega pelo bem do outro. A liderança do

marido, longe de ser autoritária, deve refletir a liderança de Cristo — humilde, serva e sacrificial (KELLER & KELLER, 2012, pp.67-68). Filipenses 2.5-11 apresenta Cristo que, sendo igual a Deus, esvaziou-se e assumiu forma de servo. Esse modelo de submissão voluntária ensina que a autoridade, no casamento, deve ser exercida em amor, e a submissão, compreendida como entrega livre e amorosa (CHAN & CHAN, 2016, pp.75-76). Assim, autoridade e submissão, quando moldadas por Cristo, não produzem opressão, mas honra, serviço mútuo e edificação (KELLER & KELLER, 2012, pp.212-214).

Esse padrão encontra paralelo na Trindade: Pai, Filho e Espírito são iguais em valor e dignidade, mas exercem funções distintas e complementares. Da mesma forma, marido e esposa refletem a imagem de Deus quando vivem em complementaridade, em serviço e amor, revelando ao mundo a glória de Deus em sua unidade (KELLER & KELLER, 2012, pp.58-59).

John Piper lembra que o ser humano foi criado para refletir a glória de Deus, encontrando sua realização em valorizar o Senhor acima de tudo. A glória divina resplandece no evangelho, especialmente na cruz, onde Cristo revelou sua perfeição. Assim, o casamento torna-se ambiente privilegiado para manifestar essa glória, pois marido e mulher, em unidade e entrega, refletem a imagem divina diante do mundo (PIPER, 2017, pp.30-31; 2Co 3.18; 4.4).

Efésios 5 chama esse vínculo de “mistério profundo”: o casamento humano é uma parábola viva da relação eterna de Cristo com sua Igreja. Desde o Éden até a encarnação de Cristo, Deus buscou comunhão com seu povo; agora, no evangelho, essa união encontra expressão no matrimônio. O casamento cristão, portanto, não é apenas uma instituição social, mas parte da missão da Igreja: tornar visível a realidade do amor redentor de Cristo no mundo (CHAN & CHAN, 2016, pp.45-46).

2.6. A consumação e o casamento de Cristo e a Igreja

A história da redenção culmina na união plena de Cristo com a sua Igreja. Após enviar o Espírito Santo para habitar no coração dos crentes, Deus prepara seu povo para o futuro encontro definitivo, quando Cristo se casará com sua noiva e viverá com ela eternamente. O casamento terreno, portanto, é apenas uma sombra desse relacionamento eterno, o ápice do mistério revelado ao longo da história bíblica (CHAN & CHAN, 2016, pp.45-46).

O evangelho mostra que Cristo não apenas perdoa, mas também transforma sua Igreja em algo belo aos olhos de Deus. Isaías 61.10 descreve essa realidade: “Ele me vestiu com as vestes da salvação e sobre mim pôs o manto da justiça, qual noivo que adorna a cabeça como um sacerdote, qual noiva que se enfeita com joias”. Assim, a justiça de Cristo é o adorno da noiva, tornando-a espiritualmente atraente e digna. O milagre do evangelho é que,

antes impura e despreparada, a Igreja foi revestida de glória pelo próprio Senhor (CHAN & CHAN, 2016, pp.37-41).

Entretanto, vivemos ainda na tensão do “já e ainda não”: já pertencemos a Cristo, mas aguardamos a consumação. Em Apocalipse 19.6-9, as bodas do Cordeiro são descritas como o grande banquete da eternidade, quando a noiva estará pronta para se unir ao Cordeiro. Essa imagem aponta para o cumprimento pleno da aliança de Deus, em que a Igreja será adornada com vestes preciosas, símbolo da perfeição da união eterna (HORTON, 2016, pp.761-763).

O destino final do povo de Deus é descrito em Apocalipse 21.1-4: novos céus e nova terra, onde Deus habitará com sua Igreja para sempre, e onde não haverá mais morte, dor ou sofrimento. Embora a vida presente seja breve e marcada por lutas, a promessa do casamento eterno com Cristo é de alegria sem fim, paz perfeita e plenitude em comunhão com Deus. Esse é o grande futuro reservado para todos os que pertencem ao Cordeiro — a consumação de um amor que começou na eternidade e jamais terá fim (CHAN & CHAN, 2016, pp.37-41).

3- IMPLICAÇÕES PASTORAIS

Vivemos em uma época singular da história da redenção, em que o Espírito Santo habita em todos os que creem. Essa presença não substitui simplesmente o templo ou a encarnação de Cristo, mas

revela uma realidade ainda mais profunda: Deus não apenas está conosco, Ele habita em nós (CHAN & CHAN, 2016, pp.45-46). Essa verdade, no entanto, contrasta com a fragilidade de muitos casamentos cristãos, frequentemente marcados pela falta de amor e compromisso.

Diante disso precisamos compreender o casamento segundo os conceitos doutrinários, à luz da revelação bíblica, para se produzir uma teologia pastoral que seja aplicável aos casamentos cristãos, visando a edificação do povo de Deus e a preservação desta instituição tão atacada e menosprezada nos dias atuais.

Para que esta análise seja relevante para os dias atuais, foram pesquisados os principais motivos que levam os casamentos a chegarem ao fim, utilizando como base uma pesquisa de 2017 (GRAVNINGEN; MITCHELL; WELLINGS; et al. 2017), que analisa as razões mais comuns para a dissolução de casamentos e uniões estáveis no Reino Unido. O estudo, realizado entre 2010 e 2012, envolveu 15.162 pessoas de 16 a 74 anos e utilizou entrevistas pessoais para coletar dados. Em uma síntese desse artigo, pode -se extrair 12 motivos principais que levam os casais ao divórcio, como também aponta reportagem sobre o material, feito pela revista Forbes (TRAVERS, 2023). Os doze motivos elencados são: cresceram individualmente, mas não como casal; discussões frequentes; infidelidade; falta de respeito ou apreciação; violência doméstica; diferença de interesses; dificuldades sexuais; problemas

financeiros; não ter filhos; mudanças de ambiente; uso de álcool e drogas; não compartilhar tarefas domésticas.

Partindo da premissa que o povo de Deus vive debaixo do poder do Espírito Santo e à luz da Palavra de Deus como regra de fé e prática, os motivos pelos quais as pessoas se divorciam de maneira geral não deveriam afetar os crentes como tem afetado. Portanto é necessário analisar cada item e ver como autores cristãos tratam cada um dos temas à luz da Palavra de Deus.

3.1. Cresceram individualmente, mas não como casal

O motivo mais frequentemente citado para o divórcio é o distanciamento emocional ao longo do tempo, quando cada cônjuge segue prioridades distintas — carreira, amizades, interesses — sem cultivar a vida a dois (GRAVNINGEN; MITCHELL; WELLINGS et al., 2017). A fé cristã oferece diagnóstico e remédio para esse individualismo. Na Trindade, cada Pessoa vive em entrega mútua, e Jesus, no Calvário, se ofereceu totalmente pelo outro (Jo 17.21; KELLER & KELLER, 2012, p.74). Aplicado ao casamento, isso significa renunciar ao egocentrismo e abraçar uma vida de serviço mútuo. Paulo expressa essa lógica ao ordenar: “sujeitai-vos uns aos outros no temor de Cristo” (Ef 5.21), ensinando que a verdadeira liberdade nasce da entrega e do amor sacrificial (KELLER & KELLER, 2012, p.75).

A visão secular tende a priorizar a realização pessoal, defendendo que, se o cônjuge não apoiar esse desenvolvimento, o divórcio pode ser a solução. Tal lógica, porém, reforça o egoísmo e mina a vida em comum (KELLER & KELLER, 2012, pp.82-83). O princípio cristão, ao contrário, aponta para a abnegação gerada pelo Espírito Santo: ao tirar o foco de si e reconhecer que Cristo supre nossas necessidades, libertamo-nos da expectativa de que o outro seja nosso salvador. Assim, a felicidade conjugal é fruto paradoxal do serviço mútuo.

Quando cada um cresce isoladamente, instala-se o vazio relacional. A resposta bíblica é redescobrir a interdependência: assim como na Trindade não há existência separada, no matrimônio ambos são chamados a viver em unidade. Seguindo o exemplo de Cristo em Filipenses 2.5-8, marido e esposa reencontram comunhão e crescem “juntos”, e não sozinhos.

3.2. Discussões frequentes

Esse motivo está diretamente ligado à comunicação deficiente e à falta de habilidades para resolver conflitos (GRAVNINGEN; MITCHELL; WELLINGS; et al. 2017). A resposta bíblica repousa na dinâmica de Efésios 5: o marido deve amar a esposa “como Cristo amou a igreja” (v. 25) e a esposa responder com respeito, numa relação de serviço mútuo (GRUDEM, 1999, p.384). Quando distorcido, esse modelo gera tirania ou

passividade, tanto masculina quanto feminina, abrindo espaço para ciclos de silêncio ou agressividade. O caminho bíblico é o equilíbrio: liderança servidora e submissão sábia, onde ambos participam ativamente das decisões sem usurpar ou omitir responsabilidades.

Dave Harvey (2011, pp.55-68) sugere quatro “marchas” práticas para lidar com conflitos: (1) autoexame antes de confrontar; (2) integridade e confissão de orgulho; (3) obediência conjunta à vontade de Deus; e (4) reconhecer que as disputas nascem de desejos egoístas (Tg 4.1-2). Esse processo conduz ao perdão e restauração, transformando o lar em espaço de graça e não de cobranças mútuas.

O cultivo de uma comunicação bíblica envolve ouvir antes de falar (Tg 1.19), não deixar o sol se pôr sobre a ira (Ef 4.26), falar a verdade em amor (Cl 3.9-10) e responder com brandura (Pv 15.1). Tais práticas preservam a confiança e impedem que palavras impensadas destruam a intimidade conjugal (KEMP, 2004, pp.62-72).

3.3. Infidelidade

A traição fere a confiança, rompe o pacto diante de Deus e ameaça a continuidade do matrimônio. Desde o princípio, o casamento foi instituído como aliança sagrada: deixar os pais, unir-se ao cônjuge e formar “uma só carne” (Gn 2.24). Por isso, Malaquias denuncia a infidelidade como quebra do pacto diante do Senhor, testemunha do casamento (Ml 2.14), e Jesus reforça: “o que

Deus ajuntou não o separe o homem” (Mt 19.6). O matrimônio, único instituto anterior à Queda, deve ser “digno de honra entre todos” (Hb 13.4).

À luz da Confissão de Fé de Westminster (24.5–6), o adultério constitui motivo legítimo para o divórcio e até para novo casamento, “como se a parte infiel fosse morta”. A deserção irremediável é igualmente considerada. Contudo, a decisão não deve ficar ao arbítrio das partes, mas ser avaliada publicamente pela igreja e pela autoridade civil, conforme observa Dixhoorn (2017, pp.336-339). Jesus confirma que apenas a infidelidade justifica a separação (Mt 5.32; 19.9), e Paulo acrescenta a deserção (1 Co 7.15), mantendo a indissolubilidade do vínculo até a morte (Rm 7.2-3).

Ainda assim, o adultério não precisa ser o fim inevitável do casamento. A Escritura ensina que a restauração é possível quando há arrependimento e perdão. O perdão não anula a gravidade do pecado, mas abre espaço para a cura que só Deus pode operar, renovando o vínculo conjugal quando ambos os cônjuges se dispõem à reconciliação (SMITH, 2018, pp.17-23).

3.4. Falta de respeito ou apreciação

A ausência de respeito e de gestos de valorização — desde insultos até a indiferença no cotidiano — aparece como uma das razões mais citadas para a dissolução conjugal, sobretudo entre mulheres (GRAVNINGEN; MITCHELL; WELLINGS et al., 2017).

Quando o cônjuge não se sente honrado ou apreciado, instala-se um vazio relacional que mina o vínculo da aliança.

Adão Carlos do Nascimento (2001, pp. 9–13) lembra que o amor, em si mesmo, é volátil, mas o compromisso firmado no pacto conjugal sustenta o vínculo nos altos e baixos da vida. Citando Bonhoeffer, ele destaca que não é o amor que mantém o casamento, mas o casamento que sustenta o amor. Assim, mais do que sentimentos passageiros, é a decisão diária de honrar e servir que preserva o matrimônio. Biblicamente, Paulo exorta a “considerar os outros superiores a si mesmos” (Fp 2.3) e a “suportar-se em amor” (Cl 3.19). Esse espírito de serviço mútuo transforma a falta de apreço em gestos de honra concreta. No entanto, quando prevalece o egoísmo, a relação se corrompe. O exemplo de Isaque e Rebeca mostra isso: a mentira de Isaque em relação à sua esposa (Gn 26.7) e o favoritismo dividido entre os filhos (Gn 25.28) expuseram a casa à divisão e ao ressentimento (LOPES, 2005, pp. 84–85).

Esse episódio revela como atitudes de injustiça e descuido enfraquecem o respeito e transformam a família em campo de competição. Para evitar que o casamento se torne monótono ou amargo, é necessário cultivar transparência, gratidão e justiça, renovando o compromisso de valorizar o outro diariamente. Assim, em lugar de erosão silenciosa, o matrimônio se torna espaço de honra, amor e perseverança diante de Deus.

3.5. Violência doméstica

A violência doméstica, seja física ou emocional, é um dos motivos mais graves para o rompimento conjugal, sendo mais relatada por mulheres, mas com efeitos devastadores para ambos os cônjuges (GRAVNINGEN; MITCHELL; WELLINGS et al., 2017). À luz das Escrituras, o chamado de Paulo em Efésios 5.25–27 estabelece o padrão: o marido deve amar a esposa “como Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela”. Esse amor é ativo e sacrificial, custoso e perseverante, voltado a proteger e santificar a esposa, e não a feri-la (CHAN & CHAN, 2016, pp. 63–66). O modelo de Cristo não legitima poder ou controle, mas transforma a liderança em serviço que honra e edifica.

É fundamental ressaltar: o ensino bíblico de submissão jamais deve ser confundido com tolerância ao abuso. Nenhuma mulher é chamada a permanecer em risco físico ou emocional. A integridade da esposa e dos filhos é prioridade, e buscar proteção junto às autoridades é um caminho legítimo e necessário (CHAN & CHAN, 2016, pp. 74–75). O verdadeiro amor cristão elimina toda agressão e se reveste de gestos de cuidado. No lugar de violência, deve florescer a prática diária do amor que age e se sacrifica. Assim, o lar torna-se reflexo da união de Cristo com a Igreja: espaço de vida, honra e proteção, onde a dignidade mútua é preservada e a violência não tem lugar.

3.6. Diferença de interesses

A pesquisa mostra que a falta de compatibilidade — seja em hobbies, valores ou prioridades — é um motivo recorrente de separação, (GRAVNINGEN; MITCHELL; WELLINGS et al., 2017). No contexto bíblico, diferenças não devem ser vistas como ameaça, mas como oportunidade de aprofundar a intimidade. Esta se constrói não apenas no prazer e nas celebrações, mas também nas dores e desafios, exigindo compromisso além do afeto passageiro. O Cântico dos Cânticos ilustra essa tensão: há momentos de comunhão plena (Ct 1.2) e também de ausência e frustração (Ct 3.1), mostrando que a fidelidade à aliança permite transformar crises em reconciliação (AGRESTE, 2009, pp. 143-159).

A Confissão de Fé de Westminster lembra que os cristãos devem “casar-se no Senhor” (CFW 24.3), pois só em um ambiente de valores espirituais compartilhados é possível viver a liderança servidora do marido e a cooperação da esposa de forma saudável (KELLER & KELLER, 2012, pp. 221-222). A Escritura reforça esse princípio: “Não vos prendais a um jugo desigual com os incrédulos” (2Co 6.14-15). Casamentos em jugo desigual tendem a gerar isolamento emocional ou enfraquecimento da fé (KELLER & KELLER, 2012, pp. 254-256; DIXHOORN, 2017, pp. 336-339).

Esse alerta é antigo: alianças com povos idólatras foram advertidas por Moisés (Dt 7.3-4), negligenciadas por Salomão (1Rs

11.4) e combatidas por Neemias (Ne 13.25-27). Portanto, escolher cônjuge dentro da fé não é mera preferência, mas proteção contra divisão espiritual. Quando marido e esposa edificam o casamento sobre a mesma fé, suas diferenças se convertem em complementaridade. Em vez de separar, tornam-se oportunidade de crescimento mútuo, pois ambos partilham a missão maior de refletir Cristo no lar. Assim, o casamento não sucumbe às “diferenças de interesses”, mas floresce na unidade do evangelho.

3.7. Dificuldades sexuais

A falta de desejo ou uma vida sexual insatisfatória é um dos fatores que gera distanciamento físico e emocional nos casais, comprometendo a intimidade conjugal (GRAVNINGEN; MITCHELL; WELLINGS et al., 2017). Do ponto de vista cristão, o sexo é dom de Deus, criado para ser vivido no casamento como expressão de prazer, mutualidade e complementaridade. Contra distorções históricas que o demonizaram, a Escritura afirma que “tudo o que Deus criou é bom” (1Tm 4.4) e que marido e esposa tornam-se “uma só carne” (Gn 2.24). Assim, o ato conjugal não é apenas reprodutivo, mas celebra companheirismo e amor (GRZYBOWSKI, 1998, pp. 34-44; PIPER, 2013, pp. 49-58).

Além disso, Paulo ensina que a vida sexual protege o casamento contra tentações externas (1Co 7.3-5). O princípio da mutualidade, em que cada cônjuge entrega-se ao outro com amor,

transforma o sexo em um meio de graça e fidelidade conjugal. Quando bem vivido, torna-se também arma espiritual contra Satanás (PIPER, 2013, pp. 49-58).

A Bíblia não trata o sexo como tabu: o Cântico dos Cânticos celebra a paixão com imagens explícitas (Ct 4.10; 7.6-7) e Provérbios exorta: “Alegra-te com a mulher da tua mocidade” (Pv 5.18-19). Hebreus 13.4 resume o princípio: “Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula”. Assim, a sexualidade conjugal deve ser vivida sem culpa, em santidade e alegria, como expressão do amor de Cristo pela Igreja (COLLINS, 2004, pp. 311-312).

3.8. Problemas financeiros

As tensões financeiras são uma das principais causas de ruptura conjugal, afetando 7,3% dos homens e 11,8% das mulheres na pesquisa de Gravning, Mitchell e Wellings (2017). Muitas vezes, esses conflitos nascem de modelos herdados da família de origem ou da falta de consenso sobre prioridades e gastos. A Escritura lembra que, no casamento, o homem deve “deixar pai e mãe e unir-se à sua mulher” (Gn 2.24), o que inclui a construção de uma nova identidade financeira conjunta (HONÓRIO, 2014, pp. 78-90).

A Bíblia adverte que “o amor do dinheiro é a raiz de todos os males” (1Tm 6.10). Tanto a escassez quanto o excesso podem gerar

dívidas, disputas e distanciamento familiar, sobretudo em uma cultura moldada pelo consumo desenfreado (LOPES, 2005, pp. 85-89). O caminho bíblico, porém, envolve sabedoria no planejamento, fuga das dívidas e prática da generosidade. Quando o casal alinha sonhos e metas antes de falar de números, o dinheiro ganha propósito comum, tornando-se instrumento de unidade em vez de divisão (1Tm 6.9; HONÓRIO, 2014, pp. 78-90).

A transparência financeira também é essencial: qualquer “gasto às escondidas” fere a confiança e equivale a traição do pacto matrimonial. Decidir juntos o melhor arranjo bancário — seja conta conjunta ou modelos híbridos — reforça a ideia de que ambos são administradores da mesma casa.

Por fim, a generosidade ocupa lugar central. Ao dizimar (Ml 3.10) e ofertar com alegria (2Co 9.7), o casal confessa que tudo provém de Deus e transforma recursos em bênção para outros. Assim, o dinheiro deixa de ser causa de conflito e torna-se meio de fidelidade, provisão e unidade conjugal (HONÓRIO, 2014, pp. 78-90).

3.9. Opção por ter ou não filhos

Embora menos frequente, a divergência quanto à decisão de ter filhos aparece como causa de ruptura, sobretudo entre mulheres (GRAVNINGEN; MITCHELL; WELLINGS; et al., 2017). Em uma sociedade que valoriza autonomia e carreira, cresce a ideia de que a

parentalidade é opcional. Contudo, a Escritura apresenta a geração de filhos como parte do mandato divino: “Sede fecundos, multiplicai-vos” (Gn 1.28), ligando o matrimônio não apenas ao companheirismo, mas também à continuidade da humanidade e do povo da Aliança (NICODEMOS LOPES, 2019, pp. 92–94). Desde Gênesis 17.7 até Atos 2.39, a promessa divina abarca descendentes, lembrando que filhos são herança do Senhor (Sl 127.3-5). Recusar deliberadamente a procriação, ainda que não constitua pecado formal, representa afastamento do mandato criacional e da missão da família como transmissora da fé (DIXHOORN, 2017, pp. 347-348).

A mentalidade secular tende a medir os filhos pelo custo ou impacto na carreira; a visão bíblica, porém, os celebra como bênção e instrumento de maturidade espiritual, pois educar e cuidar ensina a generosidade e a perseverança (AGRESTE, 2009, pp. 136-139). Por isso, jovens casais são chamados a resistir à pressão cultural que reduz a criança a um peso. É verdade que motivos extraordinários podem limitar a paternidade ou maternidade, mas a renúncia voluntária, sem justa causa, empobrece o propósito do casamento. A missão conjugal não é apenas o amor mútuo, mas também a formação de uma “semente piedosa” (Ml 2.15), pela qual Deus fortalece e expande o corpo de Cristo (NICODEMOS LOPES, 2019, pp. 92-94; DIXHOORN, 2017, pp. 332-335).

3.10. Entendendo os papéis na “vida comum do lar”

Problemas como uso de álcool e drogas, desigualdade na divisão de tarefas e mudanças de ambiente têm em comum o descuido com o pacto conjugal e a negligência dos papéis bíblicos de “líder-servo” e “ajudadora forte” (Ef 5.21–33). Paulo inicia o texto convocando à sujeição mútua no temor de Cristo, lembrando que o marido deve amar a esposa como Cristo amou a igreja, com sacrifício e cuidado, e que a esposa, ao submeter-se, honra à ordem divina e coopera para o fortalecimento do lar (CHAN & CHAN, 2016, pp. 63–75).

O amor sacrificial do marido não se expressa apenas em atos grandiosos, mas em gestos diários de serviço — trocar fraldas, repartir tarefas, ouvir e cuidar. A liderança espiritual implica promover a santificação da esposa e criar um ambiente de segurança. A submissão, por sua vez, não é obediência cega: quando o marido exige pecado, prevalece a ordem de obedecer antes a Deus (At 5.29). A esposa é chamada a ser auxiliadora forte, oferecendo sabedoria e apoio, sem anular sua dignidade ou voz.

A desigualdade nas tarefas domésticas é frequentemente citada pelas mulheres como fator de separação (GRAVNINGEN; MITCHELL; WELLINGS; et al., 2017). A Bíblia, porém, não fixa papéis rígidos — ela fornece princípios universais, não estereótipos culturais. Assim, cada casal, em seu contexto, deve aplicar o modelo

de liderança-serviço e auxílio mútuo, refletindo o equilíbrio entre autoridade exercida com ternura e submissão oferecida com amor (KELLER & KELLER, 2012, pp. 217–226).

Mudanças externas — emprego, cidade, circunstâncias imprevistas — também podem gerar distanciamento. Se não forem enfrentadas em unidade, tornam-se ocasião para fuga do pacto conjugal. A disposição de “ser uma só carne” (Ef 5.31) requer que marido e esposa caminhem juntos, sustentando-se mutuamente diante das transições.

Assim, viver a “vida comum do lar” significa que o casal, cheio do Espírito, enfrenta tanto as lutas internas quanto as pressões externas em submissão mútua, perdão, serviço e respeito. É nesse terreno cotidiano — desde a administração do lar até as mudanças de ambiente — que o casamento cristão testemunha a aliança de Cristo com a igreja. A verdadeira transformação não vem de métodos humanos, mas do poder do Espírito Santo, que molda lares santos, unidos e frutíferos.

CONCLUSÃO

Conclui-se, portanto, que o casamento, segundo a teologia reformada, é mais do que uma convenção social ou um contrato

privado: trata-se de uma aliança sacramentalmente análoga ao pacto de Deus com Seu povo, fundada na graça e refletindo o vínculo vivo entre Cristo e sua Igreja, cabe então enfatizar que o que torna o casamento verdadeiramente eficaz não é sobretudo a técnica ou o esforço humano, mas o evangelho que o sustenta.

De que você precisa, então, para fazer o casamento dar certo? Precisa conhecer o segredo, o evangelho, e como ele lhe dá o poder e o modelo para seu casamento. A experiência do casamento lhe revelará a beleza e os aspectos mais profundos do evangelho. Em contrapartida, a compreensão melhor do evangelho o ajudará a experimentar uma união cada vez mais profunda com seu cônjuge ao longo dos anos. (KELLER & KELLER, 2012, p.60).

Além disso, o matrimônio cristão não é apenas íntimo, mas também missionário. Nossa casamento também exerce papel relevante no grande plano de Deus. *“Somos chamados a pintar um retrato tão atraente da vida conjugal que leve as pessoas a almejarem o casamento vindouro com Jesus”* (CHAN; CHAN, 2016, p. 47). Assim, o lar cristão torna-se um anúncio vivo do Evangelho, uma prévia do banquete escatológico, tal como descrito no segundo capítulo, e aponta para a consumação final.

Se realmente o Espírito de Deus habita dentro de nós, o poder de Deus deve ser refletido em nossos casamentos. A transformação que o Espírito realiza em nossas vidas deveria ser evidente também nas relações conjugais. É frustrante ver que as estatísticas mostram que os casamentos cristãos, muitas vezes, não são diferentes dos

casamentos de pessoas não cristãs, especialmente quando se trata de problemas como o divórcio e a falta de amor. A solução não está em simplesmente tentar mais ou aplicar estratégias corretas de relacionamento, mas em permitir que o poder do Espírito de Deus flua de nosso coração, inundando nosso casamento e todas as áreas de nossa vida. O poder transformador do Espírito é o que traz verdadeira mudança e restauração, não apenas em nosso comportamento, mas em nossos relacionamentos mais íntimos, refletindo o amor de Cristo (CHAN & CHAN, 2016, pp.45-46).

Em conclusão, este artigo propôs que o fortalecimento dos casamentos cristãos depende tanto da fidelidade aos preceitos bíblicos e confessionais quanto da ação transformadora do Espírito Santo na vida dos cônjuges. À igreja cabe ensinar, advertir e apoiar pastoralmente, criando ambientes de transparência, serviço mútuo e disciplina amorosa. Por fim, espera-se que este estudo inspire novas pesquisas e práticas ministeriais que mantenham vivo o propósito divino para o matrimônio, reafirmando que o lar cristão é testemunho da aliança eterna entre Cristo e Sua noiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRESTE, Ricardo. **Feito para durar**; relacionamentos duradouros numa cultura do descartável. Santa Bárbara d'Oeste -SP: Z3 Editora, 2009.

BARNA GROUP. **New Marriage and Divorce Statistics Released**. Barna Group, 2008. Disponível em:

<https://www.barna.com/research/new-marriage-and-divorce-statistics-released/>. Acesso em: 07 de janeiro de 2025.

BARTHOLOMEW, Craig G; **GOHEEN**, Michael W. **O Drama das Escrituras**. Encontrando o nosso lugar na história bíblica. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017.

BAVINCK, Herman. **As maravilhas de Deus**. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2021.

BEAUMONT, Mike. **Enciclopédia Bíblica Ilustrada**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 4ºEd. Revisada. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

CALVINO, João. **As Institutas**. Tomo II, livro IV. Tradução: Elaine C. Sartorelli. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 2007.

CHAN, Francis; **CHAN**, Lisa. **Você e eu para sempre**. O casamento à luz da eternidade. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento Cristão**. Edição Século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004.

DANIEL-HOPS, Henri. **A Vida Diária Nos Tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 3º Edição, 2008.

DILLARD, Raymond B.; **LONGMAN III**, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

DIXHOORN, Chad Van. **Guia de estudos da Confissão de Fé de Westminster**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

FRAME, John. **Teologia Sistemática, Volume II**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

G1. Brasileiros se divorciam cada vez mais e mais rápido. G1 Economia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2024/03/27/brasileiros-se-divorciam-cada-vez-mais-e-m-rapido.ghtml>. Acesso em 07/01/2025.

GOHEEN, Michael. A igreja missional na Bíblia: luz para as nações. São Paulo: Vida Nova, 2014.

GONZÁLEZ, Justo. Breve Dicionário de Teologia. São Paulo: Hagnos, 2009.

GRAVNINGEN, Kirsten; MITCHELL, Kirstin R.; WELLINGS, Kaye; et al. Reported reasons for breakdown of marriage and cohabitation in Britain: Findings from the third National Survey of Sexual Attitudes and Lifestyles (Natsal-3). *PLOS ONE*, v. 12, n. 3, e0174129, 23 mar. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0174129>. Acesso em: 15 de abril de 2025.

GRONINGEN, Harriet; GRONINGEN, Gerard van. A Família da Aliança. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

GRUDEM, Wayne. Teologia Sistemática. Atual e exaustiva. São Paulo: Vida Nova, 1999.

GRZYBOWSKI, Carlos Catito. Macho e fêmea os criou; celebrando a sexualidade. Viçosa-MG: Ultimato, 1998.

HARVEY, Dave. Quando pecadores dizem “Sim”. São José dos Campos-SP: Editora Fiel, 2011.

HONÓRIO, Lia T. Ciribelli. In: CIRIBELLI, Leonora. Antes de casar. Nove passos para um casamento feliz. Viçosa-MG: Ultimato, 2014.

HORTON, Michael. **Doutrinas da fé cristã**. Uma teologia sistemática para os peregrinos no Caminho. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

KELLER, Timothy. KELLER, Kathy. **O significado do casamento**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

KEMP, Jaime. **Antes de dizer sim**. Um guia para noivos e seus conselheiros. São Paulo: Mundo Cristão, 2004, 2ºEdição.

LOPES, Augustus Nicodemus; LOPES, Minka Schalkwijk. **A Bíblia e Sua Família**. Exposições bíblicas sobre o casamento, família e filhos. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Ordenação feminina: o que o Novo Testamento tem a dizer?** Fides Reformata online , v.2, n.1, 1997. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VO LUME II 1997 1/ordenacao>. Acesso em: 06/01/2015.

LOPES, Hernandes Dias. **Casamento, divórcio e novo casamento**. São Paulo: Hagnos, 2005.

MEISTER, Mauro. **Renovadas no Riso. Conferência Fiel Mulheres 2018**. Águas de Lindóia - SP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QeUCwyb8Okg&t=2s>. Acesso em 19 de fevereiro de 2025.

MERKH, David. MERKH, Carol S. **Construindo um lar cristão**. Volume I, estabelecendo alicerces. 2º Edição. São Paulo, SP: Hagnos, 2013.

MONTEIRO, Donald Bueno. **O culto reformado: o padrão litúrgico dos reformadores como referência para os dias atuais**. Rio de Janeiro: GodBooks, 2024.

MORALES, L. Michael. **Quem subirá ao monte do Senhor? Uma teologia bíblica do livro de Levítico.** São Paulo: Cultura Cristã, 2022.

NASCIMENTO, Adão Carlos. **Oficina de Casamentos.** Campinas-SP: Editora Apoio Pastoral, 2001.

NICODEMUS LOPES, Augustus. **Cristianismo Facilitado: Respostas Simples para Questões Complexas.** São Paulo: Mundo Cristão, 2019.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco & Desenvolvimento no Antigo Testamento.** 2º Edição. São Paulo: Hagnos, 2014.

PIPER, John. **Preparando-se para o casamento.** Auxílio para casais cristãos. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013.

PIPER, John. Pergunta 4: Porque Deus nos criou? In: HANSEN, Collin (Org.). **Catecismo Nova Cidade. A Verdade de Deus para nossos corações e mentes.** São José dos Campos - SP: Editora Fiel, 2017.

RIBEIRO, Larissa de Moraes. **O papel da mulher: as perspectivas complementaristas e igualitárias.** Teologia, Sociedade & Espiritualidade , n. 11, v. 1, Curitiba, 2021.

Disponível em: https://ftp.faculdadebetania.com.br/revista/out2021/o_papel_da_mulher_as_perspectivas.pdf. Acesso em: 07 jan. 2025.

ROBERTSON, Palmer. **O Cristo dos Pactos.** ed. Cláudio Antônio Batista Marra, trad. Américo Justiniano Ribeiro, 2ª edição. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011.

SMITH, Winston T. **Socorro! Meu Cônjugue Cometeu Adulterio: Primeiros passos para lidar com a traição.** Org. Tiago J. Santos Filho. **Série Aconselhamento.** São José dos Campos-SP: Editora Fiel, 2018.

TRAVERS, Mark. **As 12 principais razões pelas quais casais se separam, segundo pesquisa.** *Forbes Brasil*, ago. 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbessaude/2023/08/as-12-principais-razoes-pelas-quais-casais-se-separam-segundo-pesquisa/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

WALTKE, Bruce K.; FREDERICKS, Cathi J. **Gênesis, Comentários do Antigo Testamento.** São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2010.

WENHAM, Gordon J. **Genesis 1-15. World Biblical Commentary, Vol. I.** Dallas, TX: World Books, 1987.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão de Deus: desvendando a grande narrativa da Bíblia.** São Paulo, SP: Vida Nova, 2014.

ABSTRACT

This work analyzes marriage according to the Reformed tradition, addressing its theological-biblical foundations and pastoral implications. Based on a diagnosis of the marital crisis in contemporary Brazil, the study proposes: (1) investigating the status of marriage as a divine institution in light of Reformed theology, with emphasis on covenant theology, the Trinitarian economy, and the Westminster Confession of Faith; (2) applying the “Drama of Scripture” paradigm to reveal the symbolic role of marriage from Eden to Christian eschatology; and (3) developing a practical theology of marital counseling grounded in the transformative action of the Holy Spirit and in biblical guidelines of forgiveness, mutual service, and loving discipline. The qualitative research relied on an extensive literature review and on the identification of factors that

undermine marital stability, resulting in pastoral guidelines for preventing divorce and promoting healthy homes. It concludes that Reformed marriage is more than a social contract: it is a covenantal bond that reflects the union between Christ and His Church, requiring doctrinal instruction and ongoing ministerial care.

Keywords: Christian marriage; Reformed theology; covenant; pastoral counseling.